



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

KAMILA FERNANDA ZANCO

**RODA QUE RODA CIRANDA: SIGNIFICADOS, SENTIDOS, FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL NO MST.**

CHAPECÓ

2019

KAMILA FERNANDA ZANCO

**RODA QUE RODA CIRANDA: SIGNIFICADOS, SENTIDOS, FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL NO MST.**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Solange Maria Alves

CHAPECÓ

2019

KAMILA FERNANDA ZANCO

**RODA QUE RODA CIRANDA: SIGNIFICADOS, SENTIDOS, FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL NO MST.**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como
requisito para a obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. SOLANGE MARIA ALVES – UFFS

Profa. Orientadora

Profa. Me. LORITA HELENA CAMPANHOLO BORDIGNON

Avaliador/a

Profa. Me. GRETI APARECIDA PAVANI

Avaliador/a

RODA QUE RODA CIRANDA: SIGNIFICADOS, SENTIDOS, FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MST.

Kamila Fernanda Zanco¹

Solange Maria Alves²

RESUMO: O presente texto é fruto de estudos realizados sobre a Ciranda Infantil – Modalidade em que a Educação Infantil acontece no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Tem por objetivo apresentar as contribuições que a pedagogia freireana oferece para a Ciranda Infantil no MST, bem como a contextualização histórica da luta do Movimento por uma Educação que estivesse de acordo com as vivências do Campo. Esta se trata de uma pesquisa bibliográfica e análise documental em que foram analisadas algumas obras de Paulo Freire, pesquisas já realizadas e documentos do MST. Além das contribuições freireanas, se buscou conceituar a Ciranda Infantil enquanto organização educativa para compreender seu funcionamento. Pode-se perceber que Paulo Freire permeia todo o processo educativo do Movimento, que visa a libertação dos sujeitos para a conquista da Terra e de uma série de direitos que lhes são negados. O MST passou a compreender que a criança, mesmo pequena, é um ser que está sendo agora e, portanto é protagonista de sua história e não precisa esperar crescer para intervir no mundo a fim de transformá-lo. Concepção esta que tem bases fortes em Paulo Freire.

PALAVRAS-CHAVES: Ciranda Infantil. MST. Paulo Freire.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS/Campus Chapecó.
Contato: kfzanco@gmail.com

² Professora Orientadora.

**“CIRANDA” SONG: MEANINGS, FOUNDATIONS OF PRESCHOOL AT LANDLESS
RURAL WORKERS MOVEMENT**

ABSTRACT: This study is a result of studies about Preschool that happens at the Landless Rural Workers Movement. It aims to present some contributions that Freirean pedagogy can offer to the Children's “Ciranda” Song at Landless Rural Workers Movement. For this, there is an historical contextualization of the movement's struggle for an Education that was in accordance with the countryside experiences. This is a bibliographical research and documentary analysis, documents (Paulo Freire’s books, researches already done and papers) were analyzed. In addition to the Freirean contributions, we sought to conceptualize “Ciranda song” as an educational organization to understand its operation. Anyway, Paulo Freire could permeate the entire educational process of the Movement, which aims for the people’s liberation for the Earth’s conquest and a series of rights (denied to them). Therefore, the Landless Rural Workers Movement has understood that even a children are protagonists of their history. Children don’t need to wait growing up to intervene in the world in order to transform it. This conception has strong foundations in Paulo Freire.

Keywords: “Ciranda” Song, Landless Rural Workers Movement, Paulo Freire.

Ciranda de roda
De samba de roda da vida
Que girou, que gira
Na roda da saia rendada
Da moça que dança a ciranda
Ciranda da vida
Que gira e faz girar a roda
Da vida que gira
Na cabeça do bom Santo Amaro
Que é da Purificação
E nas águas que rodeiam a ilha
De São Luiz do Maranhão
Na rodilha embaixo da talha
E em cima do torso da negra
Que ainda rebola
Nas curvas da vida da velha
Que ainda consola
A criança que chora
A roda é pra rodar na gira
Da vida que roda
Olha a roda, olha a roda
A roda é pra rodar na gira
Da vida que roda
Ciranda de roda
(Martinho da Vila)

INTRODUÇÃO:

Em minha trajetória de vida, já havia feito opção por estar ao lado das minorias, por identificação e por justiça. Fui percebendo o quanto as “minorias” receberam repúdio e exclusão ao longo da história e o quanto isso impactava a atualidade. Com base nas vivências e na observância das realidades, fiz uma opção pessoal de contribuir para o mundo a fim de torná-lo, pelo menos, um pouco melhor. Fui buscando formas de fazê-lo e a opção pela Graduação em Pedagogia foi parte desta escolha, pois como afirma Paulo Freire “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 67).

Durante o período da graduação, tive a oportunidade de estudar algumas obras de Paulo Freire e conhecer a pedagogia freireana. Este autor me fez refletir sobre as vivências, a organização da sociedade e a possibilidade de modificar a realidade a qual estamos inseridos. Por meio de estudos coletivos e individuais, pude perceber as contradições que nos cercam e as situações que nos oprimem, por vezes, sem nos darmos conta. Essas provocações freireanas me levaram a questionamentos relacionados à que alternativas os homens e mulheres buscavam e buscam para superar a desumanização do ser.

Assim, esta pesquisa, de caráter bibliográfico, cunho qualitativo, se trata de uma análise documental, objetiva encontrar quais são as contribuições oferecidas pela pedagogia freireana para a organização pedagógica na modalidade Ciranda – Educação infantil do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Conforme Gil, “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002 p. 44). Foram analisadas as produções – artigos, dissertações e teses - que envolvem a pedagogia freireana, Educação Infantil na modalidade Ciranda e documentos próprios do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, buscando conceituar a Ciranda Infantil, bem como, identificar as contribuições de Paulo Freire para a mesma.

Com base nos estudos realizados, foi possível perceber que o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra tem Paulo Freire como o teórico que mais orienta sua prática educativa, por sua pedagogia de libertação dos sujeitos. De acordo com De Angelo, o MST, desde sua criação, acrescentou a Educação na pauta de suas lutas, especialmente uma Educação que tivesse significado para o sem-terra. Esta, “tem, assumidamente inspiração freireana” (DE ANGELO, 2007, p 368).

A Educação Infantil no Movimento se constitui como Ciranda Infantil, “nome que se refere à nossa cultura popular, às nossas danças, às brincadeiras e à cooperação, a força simbólica do círculo, ao coletivo e ao ser criança” (MST. 2004, p. 24). Tem inspiração freireana por perceber as crianças, não como um vir a ser, mas como sujeitos que estão sendo agora e que tem capacidade de se libertar entre si e lutar pela humanização das pessoas.

O presente artigo contextualiza a luta pela terra em nosso país, a organização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, suas lutas, suas contradições e superações, bem como, a conquista pela Educação e como esta se desenvolveu até o surgimento da Ciranda como alternativa para uma Educação Infantil que tenha sentido e significado para a Criança do MST.

VAMOS TODOS CIRANDAR: AS LUTAS E CONQUISTAS DE UM POVO QUE CAMINHA JUNTO PARA TRANSFORMAR A SOCIEDADE

Os movimentos em luta pela terra não são recentes. Conforme De Angelo, a história “conhecida” do Brasil já se inicia com uma invasão territorial, em que os indígenas passam a lutar para defender seu território. Mais tarde, com a abolição da escravidão, escravos negros ficam sem terra para trabalhar e tirar sustento, originando os quilombos. Com estes, indígenas, camponeses, minorias étnicas, mulheres e homens, pobres, desgarrados de um pedaço de chão foram unindo suas lutas a um objetivo mais delineado: A conquista da terra (DE ANGELO, 2007, p. 354-359).

Esses problemas históricos em comum fez com que as pessoas se organizassem Brasil a fora, e assim, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no decorrer dos tempos, foi se constituindo, até que no final da década de 1970 começaram a acontecer alguns acampamentos e algumas ocupações territoriais, especialmente, no Sul do Brasil (BARROS, 2013, p. 38).

Na década seguinte, 1980, o Brasil se encontrava em fase de democratização. Nesse período a Igreja Católica desenvolveu um importante papel para fortalecer o movimento, com inspiração na Teologia da Libertação, mobilizou as Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, que instigavam a formação e o diálogo entre o povo. Essa ação contribuiu para a articulação das lutas pela terra em todo o país. Barros (2013) apresenta que no Acampamento da

Encruzilhada Natalino (Localizado ao noroeste de Rio Grande do Sul) muitas religiosas acamparam “[...] junto às famílias, contribuindo, principalmente, nas primeiras experiências de educação” (BARROS, 2013, p. 42).

De acordo com Stédile (1994), membro da direção nacional do MST, lutas como Canudos, Contestado, Porecatu, entre outras, serviram de experiência para articular as lutas das ligas camponesas. Na cidade de Cascavel-PR, no início de 1984, aconteceu o 1º Encontro Nacional reunindo lideranças das lutas camponesas de todo o Brasil “[...]que resolveram, numa decisão histórica, organizar a luta pela terra em forma de um movimento” (STÉDILE, 1994). Ainda de acordo com Stédile, este encontro colaborou para que se formalizasse o movimento a nível nacional e se organizassem os objetivos para tornar a luta mais eficaz.

Paulo Freire também afirma que o movimento não é recente, “[...]tão ético e pedagógico quanto cheio de boniteza, não começou agora, nem há dez ou quinze, ou vinte anos” (FREIRE, 2000, p. 60) Freire, assim como acima citado, também afirma que o movimento tem raízes na rebeldia dos quilombos. Aqueles e aquelas não aceitaram a realidade como imutável ou como destino, mas sonharam com a mudança, sustentaram o sonho, viram uma possibilidade de intervir no mundo, transformá-lo e articularam as lutas. Freire aborda que “[...] à eles e elas sem-terra, seu inconformismo, à sua determinação de ajudar a democratização deste país, devemos mais do que às vezes podemos pensar” (FREIRE, 2000, p. 29).

Os integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, inconformados com as injustiças e cientes de sua capacidade de intervir no mundo transformando-o, se utilizam da união e do sonho para lutar pelo direito a terra e outras bandeiras, como a Educação. De acordo com Barros (2013), “Os Sem Terra passam a lutar por um leque de direitos que lhes são negados: terra, trabalho, saúde, educação, vida digna” (BARROS, 2013, p. 40).

Essa informação aparece também em outros materiais. Em *Projeto Popular e Escolas do Campo – Por uma educação básica no campo* (2000), já aparece que pouco tempo de depois de iniciar a luta pela terra enquanto Movimento, os sem-terra passaram a lutar pela educação, “[...] sobretudo, para cultivar em si mesmos o valor do estudo e do próprio direito de lutar pelo seu acesso à ele” (BENJAMIN; CALDART. 2000. p. 43). A Educação, então, passa a ocupar um espaço de destaque nas lutas pela conquista de direitos.

A Educação no MST, no entanto, não poderia ser como qualquer outra. Precisa ter sentido e significado, precisa partir da realidade dos seus educandos. Conforme Benjamin e Caldart (2000), em 1987 criou-se o Setor de Educação do próprio Movimento, o que marcou e

organizou a luta pela Educação. A partir de então, o conceito de escola vai se transformando, tomando outras formas à medida em que se expande. Inicialmente, acreditava-se que a educação seria uma luta por direitos como as demais lutas, no entanto, logo se percebeu que “[...] somente teriam lugar na escola se buscassem transformá-la” (BENJAMIN; CALDART. 2000. p. 45).

Com o Setor de Educação organizado, o MST passa a criar estratégias para formar os educadores e educadoras do Movimento e com isso, elabora documentos para auxiliar estes no cotidiano educacional. São resultados de conferências, boletins, cadernos de educação, roteiros que contém os princípios da Pedagogia do Movimento, alertas, história, referenciais teóricos, compromissos e desafios propostos e/ou vivenciados pelos educandos do MST.

O Boletim da Educação nº 8 – *Pedagogia do Movimento Sem Terra Acompanhamento às Escolas* (2001) apresenta três grandes desafios, que são eles: Colaborar para que as famílias possam romper com a desumanização das que são vítimas, Garantir que assumam a identidade de Sem Terra e não a de seu antigo opressor e trabalhar para que outros setores da sociedade assumam a luta do povo (MST, 2001. p. 21). Esses desafios tem base em Paulo Freire (2015), quando ele afirma que o oprimido pode “hospedar” o opressor em si, vivendo uma dualidade. Ainda afirma que “Somente na medida em que se descubram ‘hospedeiros’ do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora” (FREIRE, 2015, p. 43). Esse é o desafio que engloba os outros três acima destacados, por meio da educação, levar as famílias a se perceberem enquanto sujeitos oprimidos, mas por vezes, “hospedeiros” do opressor, para que se libertem entre si, pois ingressar no movimento não é uma ação automática de transformação e percepção, mas uma construção coletiva e intelectual que se dá aos poucos.

Organizar as pessoas e tomar consciência é um desafio constante que precede outros como manter a luta pela Educação, ainda mais do Campo e mais árduo ainda quando se trata de assentamento ou acampamento. As primeiras escolas aconteceram em espaços já conquistados pelo movimento, iniciando pelo ensino fundamental, posteriormente, à alfabetização de jovens e adultos. Mais tarde se lutou por escolas nos acampamentos e somente depois disso a preocupação se estendeu à Educação Universitária e Infantil (DE ANGELO, 2007, p. 378-379). Essa informação demonstra a dificuldade que havia para acessar a Educação, mas também as prioridades estabelecidas dentro do próprio movimento. Percebe-se que levou tempo para que se compreendesse a importância da Educação das infâncias mesmo em um espaço que prioriza tanto a Educação dos sujeitos.

Nos acampamentos e assentamentos ou mesmo nos eventos do MST encontravam-se (e ainda se encontram) famílias inteiras acampadas e assentadas, mulheres, homens, jovens e crianças. Conforme destaca Barros, “Família de gente pobre é diferente da família rica. Os filhos acompanham seus pais, pois é para criá-los que se trava a luta por um pedaço de chão” (BARROS, 2013, p. 77). Porém, durante um determinado período, essas crianças eram reconhecidas apenas como expectadoras, filhas de pais Sem Terra, não como militantes, como protagonistas de sua história. Talvez por isso a Educação das Infâncias foi uma das últimas a receber atenção.

Fora necessário muito choro, birra, gritos, brincadeiras e mobilizações, para que o próprio Movimento enxergasse essas crianças como sujeitos da luta pela terra. São elas também que ocupam a terra, que reivindicam direitos pela sua infância que deveriam ser garantidos pelo Estado (FREITAS, 2015, p. 63).

Geralmente os governos em resposta a cobrança por Educação por parte do MST oferecem apenas um ônibus para que as crianças possam frequentar a escola na cidade. Porém, esta educação é desconexa com as vivências do campo. De Angelo (2007) ainda aborda que a educação que acontece nas escolas da cidade é boa para quem vive na cidade, mas para as crianças que vivem no campo, ela possui pouco sentido e por vezes, chega a criticar as vivências das pessoas do MST, confundindo as crianças. Faz-se necessária uma educação que eduque dentro da realidade dos assentamentos e acampamentos, que ensine as crianças a amarem e respeitarem a terra além de conquistá-la. (DE ANGELO, 2007, p. 380). Madalena Freire (1983) aborda que se aliena a criança quando não permitimos que ela conheça as faces da realidade. E as crianças do Movimento querem saber, querem participar. Afirma ainda que “a busca pelo conhecimento não é preparação para nada, e sim vida, aqui e agora” (FREIRE, M. 1983, p. 15).

Em 1997, aconteceu em São Paulo o Primeiro Encontro Estadual das Crianças Sem Terra. Na ocasião, as crianças começaram a se chamar de “Sem Terrinha” fazendo referência aos seus pais, mas reforçando que não são apenas filhos de Sem Terra, são Sem Terrinha, possuem identidade (BENJAMIN; CALDART, 2000, p. 47). As crianças mesmo se propuseram a ajudar na organização da luta por direitos, o que demonstra que essas crianças não se preocupam em “ser alguém no futuro”, elas estão sendo agora e querem se educar agora, para desde já articularem o Movimento.

De Angelo (2007) traz em sua pesquisa que embora a Educação ocupasse um importante lugar em suas lutas, o MST possuía uma dívida para com as crianças menores de 06 anos, pois tinha maior enfoque no Ensino Fundamental e apesar das crianças pequenas

estarem sempre presentes onde suas famílias estavam, demorou-se para pensar uma Educação própria para elas. Porém, ao pensar a nível nacional, de maneira geral, toda Educação infantil no Brasil demorou a se efetivar.

A Educação das Infâncias se tornou dever do Estado apenas com a Constituição Federal de 1988, conforme o Art. 205, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família” (BRASIL, 1988). Mais tarde, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, em seu 4º artigo diz que o Estado deve garantir que a educação infantil seja gratuita às crianças de até 05 (cinco) anos de idade. Essa garantia é bastante tardia. A LDB ainda assegura em seu 1º artigo que “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, **nos movimentos sociais** e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996, Grifo nosso).

A Educação nos movimentos sociais é amparada em lei, assim como a Educação das Infâncias, mas isso somente após 1996. Antes disso o MST organizava e lutava pela educação da forma que acreditava ser correto e justo, porém, a Educação das crianças menores de 06 (seis) anos se tornou preocupação de uma maneira que revela contradições existentes mesmo em um movimento “tão cheio de boniteza”, como dizia Paulo Freire.

O *Boletim da Educação* nº 8 (2001) apresenta que os Sem Terra são um coletivo, mas também são pessoas “seres reais, contraditórios, imprevisíveis, com inseguranças e arrogâncias, com saberes e ignorâncias, com acertos e erros” (MST, 2001, p. 34). Os estudos realizados revelam que o MST preza pela educação de seus integrantes, que estão regularmente em conferências, formações, estudos. Porém, essas atividades acabavam por se restringir a uma maioria masculina, já que as mulheres “precisavam” cuidar das crianças.

Os documentos do Movimento trazem que “As mulheres desejavam cada vez mais participar da luta pela terra, pela reforma agrária, por um novo modelo de agricultura e pela transformação social” (MST, 2004, p. 9). Elas desejavam ser ativas como militantes, realizar estudos, participar das discussões, mas tinham um impedimento: Precisavam cuidar das crianças. Nota-se que mesmo em um movimento carregado de sentidos, de libertação, de valorização dos sujeitos, as mulheres são vítimas duas vezes, pelo menos. Uma, por ser sem-terra, por precisar lutar por um pedaço de chão. E outra vez, por ser mulher e ter o cuidado com os filhos naturalizado como dever seu, por precisar conquistar dentro do Movimento – assim como fora – espaços para se empoderar e para participar de decisões.

Conforme o *Caderno de educação nº 12* (2004), “[...] duas necessidades deram origem às primeiras experiências de atendimento organizado às crianças”, estas duas tem relação direta com as mulheres sem-terra, já que eram elas que tomavam conta das crianças durante a maior parte do tempo. Uma delas é a participação das mulheres no trabalho, na produção, nas cooperativas. Outra necessidade foi a de formação das mulheres, a participação em cursos, reuniões, a militância de maneira geral que exigia a presença feminina (MST, 2004, p. 23). Isto revela que o Movimento não se dá alheio à sociedade, apesar de toda a sua trajetória, possui internamente problemas que a comunidade externa ao Movimento também vivencia, a diferença está na vontade de superar essas dificuldades para que haja mais justiça e vida plena à todos.

Superar as contradições exige libertação, e esta, como afirma Freire (2015), “é um parto. E um parto doloroso” (FREIRE, 2015, p. 48). Requer o reconhecimento das contradições que aprisionam e mais do que isso, requer mudança. Conforme observa Freire (2015), apenas saber-se opressor, por mais que isso seja doloroso, não significa de fato se solidarizar com os oprimidos, é necessário assumir uma postura radical e se por em atitude de libertação, uns com os outros, transformando as estruturas (FREIRE, 2015, p 49-50). Nesse sentido, o MST passa a compreender a importância da presença das mulheres na luta, e para além, reconhece que as crianças são participantes do Movimento e que elas também podem contribuir na transformação da sociedade; Assim a Educação Infantil começa a tomar forma. Fez-se necessária para que houvesse coerência com a justiça e transformação social à que o Movimento se propõe “combinado a luta pela garantia do direito à Educação Infantil, com a intenção de construirmos coletivamente a formação de nossas famílias, das comunidades acampadas e assentadas que constituem o MST” (MST, 2004, p. 23).

As mães e professoras foram as primeiras a assumir liderança para garantir as escolas, posteriormente, os pais e mais tarde as próprias crianças que compreenderam a importância desta luta para sua formação, muitas vezes tomando frente na luta para garantir a própria escola (BENJAMIN e CALDART, 2000, p. 44). Coletivamente, percebeu-se a necessidade de organizar dentro do Movimento uma proposta pedagógica específica para a formação de professores e para as escolas do MST.

Assim, buscaram construir uma Educação Infantil coerente com a luta, como afirma De Angelo (2007):

A alternância proposta pela pedagogia do MST é apresentada como elo que permite um movimento indivisível entre a escola, a família e a comunidade consolidando uma troca de saberes e o fortalecimento dos laços familiares e o sentido de pertença

dos educandos e educandas à comunidade, ao Movimento e à Terra. (DE ANGELO, 2007, p. 382).

De acordo com os documentos estudados, a primeira experiência de Creche em uma Cooperativa aconteceu com o MST Ceará que desencadeou diálogos sobre a Educação Infantil na reunião do Setor Nacional de Educação, em 1996, na cidade de Santos - SP. Posterior a isso, as discussões se ampliaram, originando formações para educadoras e educadores infantis. Ainda de acordo com o *12º Caderno de educação* (2004), as primeiras Creches foram chamadas de Círculos Infantis. Com o decorrer do tempo, reuniões e discussões, a Educação Infantil passou a ser chamada de Ciranda Infantil, “nome que se refere à nossa cultura popular, às nossas danças, às brincadeiras e à cooperação, a força simbólica do círculo, ao coletivo e ao ser criança” (MST, 2004, p. 24).

De Angelo (2007) afirma que independente do lugar do mundo em que se possa ir, onde houver crianças brincando “é comum ver-se de maneira natural e espontânea, a utilização do ‘brinquedo cantado’, em qualquer das suas formas” (DE ANGELO, 2007, p. 421). Brincar de roda é próprio das infâncias, e há nisso uma força maior do que o riso e do que entrega ao momento. Ciranda é círculo, mas não um círculo parado e estatizado, é ligada ao movimento, à união, aos passos que seguem juntos num mesmo ritmo, respeitando os modos de andar de cada um. Na Ciranda, maiores e menores se enxergam e podem se olhar nos olhos, podem enxergar as expressões do outro, sua alegria, seus medos, suas esperanças. Essa metáfora trazida no nome ajuda a compreender o jeito de ser da Educação Infantil no Movimento, que se movimenta com o coletivo, que não se acomoda. Que compreende a criança como ser capaz de girar a roda, de transformá-la e com ela, transformar a sociedade. Criança que, com o coletivo, “[...] gira e faz girar a roda /Da vida que gira” Como diz a epígrafe deste trabalho, pela letra de Martinho da Vila.

Em 1997, no Encontro Nacional dos Educadores e das Educadoras da Reforma Agrária – ENERA, aconteceu a primeira Ciranda Infantil, reunindo 80 crianças de todo o Brasil. Em Brasília, no mês de agosto do ano 2000, aconteceu o IV Congresso Nacional do MST. Na ocasião, o Setor de Educação organizou uma “Ciranda Infantil Itinerante que atendeu as 320 crianças das mães e pais militantes que participaram como delegados e delegadas do Congresso” (MST, 2004, p. 25). Depois deste acontecido, o MST passou a melhor organizar e valorizar as Cirandas Infantis, preparando e formando educadores e educadoras, o que começou a fazer parte do movimento.

A Ciranda foi construída com uma perspectiva diferente, que não fosse um mero espaço para deixar as crianças em que elas precisassem ficar estáticas e em silêncio, recebendo conteúdos, atadas a uma cadeira. De Angelo (2007) descreve a Ciranda Infantil como:

Um projecto que procura trazer as lutas dos Sem Terra à educação a ter lugar com crianças pequenas, que procura estar inserida na realidade da luta pela terra, da transformação da sociedade. Uma prática educativa que considere as especificidades dos jeitos que a compõe, mas que não perca do seu horizonte que toda prática educativa tem de estar vinculada às questões da produção, da cultura, da história (DE ANGELO, 2007, p. 422).

O espaço educativo da Ciranda, é um espaço de vivência das infâncias, em que o brincar, cantar, correr, jogar, Ser criança tem espaço, sem deixar de cultivar a mística, a formação e os valores necessários para a construção de uma nova sociedade. É um espaço organizado com intencionalidade pedagógica para que aconteçam troca de saberes e experiências (MST, 2004, p. 25). Esta modalidade de Educação Infantil pode acontecer de duas maneiras: Ciranda Infantil Itinerante, que acontece nas mobilizações, reuniões, cursos do MST que conte com a presença de crianças. E Ciranda Infantil Permanente, que se trata da ação cotidiana da Educação Infantil do Campo.

De acordo com documentos do MST (2004), Ciranda Infantil Itinerante “está preparada e organizada para a locomoção com educadoras e educadores organizados e dispostos a irem onde for necessário” (MST, 2004, p. 38). Os autores ainda trazem que cada estado e regional devem ter uma Ciranda capaz de reunir o maior número de crianças que possam comparecer nos eventos do MST. A Ciranda Infantil Permanente, como o nome sugere, acontece constantemente nos espaços em que o MST se fixa, sejam acampamentos ou assentamentos. O espaço e o tempo em que elas acontecem dependerão das realidades locais. “A proposta da Ciranda é diferente da creche, portanto, ela pode existir independente da estrutura que se tenha” (MST, 2004, p. 38). O documento sugere que os espaços podem ser sob a sombra das árvores, na grama, em um barraco com móveis improvisados. O tempo em que a criança permanece na Ciranda também é diferenciado da creche, pois quando pode, deve partilhar os momentos com a família.

Esta modalidade educacional percebe os processos de aprendizagem e desenvolvimento humano como indissociáveis. Percebe a criança como um ser capaz de aprender desde que nasce, mas também um ser social e cultural, capaz de interagir e estabelecer relações. Por isso, a escola não pode ser desassociada das demais vivências e por

este mesmo motivo, os espaços em que as crianças frequentam – família, escola, comunidade, horta, lavoura, entre outros – precisam ser educativos.

Conforme o *Caderno de Educação nº 12* (2004) a Ciranda conta diversas linguagens que possibilitam a interação, a cooperação, o desenvolvimento de autonomia e senso crítico. São elas as brincadeiras infantis, as artes visuais, as histórias infantis, o teatro e as músicas infantis. Essas linguagens levam as crianças a terem percepção de si e do outro, compreendendo a necessidade de respeitar as regras, a natureza, tudo o que as cerca. As educadoras e educadores devem sempre encorajar as crianças para que “[...] possam experimentar e experimentar-se, aprender e aprender-se junto às diversas linguagens, procurando ainda, sempre a produção de sentido e o diálogo entre as descobertas e experiências vividas” (MST, 2004, p. 30).

De Angelo (2007) aborda que o projeto da Ciranda Infantil busca mostrar que a criança aprende em todos os espaços em que haja interação entre sujeitos humanos. O MST é um desses espaços em que os sujeitos - crianças e adultos - se educam entre si. A realidade aproxima “[...] famílias que se encontram a mesma luta, e este processo, é um processo educador” (DE ANGELO, 2007, p. 423). Há uma canção cantada pelas crianças que ilustra a identidade Sem Terrinha e sua preocupação com que tipo de educação desejam pra si.

Nós somos os Sem Terrinha, gostamos de estudar
Aqui no assentamento, na escola e em nosso lar
Mas como somos crianças queremos também brincar
Assim a mamãe falou: brincadeira é muito bom
Vou brincar de pique-pique, vou jogar bola de meia
Vou brincar de cozidinho, cantar roda a noite inteira
Tem que ter educação, no campo e na cidade
E a criançada em roda pra mudar a sociedade³

Percebe-se nesta os espaços em que a Ciranda acontece, que as crianças gostam de estudar, mas também de brincar e que articulam isso tudo à um objetivo central: Em roda, ou seja, no coletivo, de mãos dadas, em movimento, mudar a sociedade.

No *Caderno de Educação nº 12* (2004), existem orientações também aos educadores e educadoras da Ciranda Infantil, trazendo a necessidade de planejar e avaliar, como qualquer outro projeto. Este documento aborda ainda, que a Educação de crianças não pode ser realizada de qualquer maneira, mas que precisa ser uma prática teorizada e que isto implica em conhecer os sujeitos a quem se quer educar, bem como suas famílias e comunidades.

³ Faixa 8 do CD Plantando Cirandas 3. Composição e vozes: Crianças dos Assentamentos Barro Azul, 1º de Junho, Ulisses e Oziel Alves Pereira - Governador Valadares/ MG.

Também é preciso ter uma concepção de que as crianças são sujeitos ativos, sem subestimá-las devido à sua idade (MST, 2004, p.41). Freire (1979), ao trazer brevemente sua trajetória de vida, conta que sua preocupação com a retificação do mundo teve início ainda em sua infância: Em Jabotão, quando tinha dez anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens (FREIRE, 1979, p. 14).

Embora Freire tenha dedicado seu tempo aos adultos, não significa que sua pedagogia não possa acontecer nas infâncias. Ele afirma que quanto mais nos conscientizarmos, mais capacitados estamos para anunciar e denunciar e que esta deve ser uma atitude permanente. Afirma ainda que não é possível denunciar uma estrutura desumanizante se não a conhecemos, nem fazer anúncio do que não se conhece. (FREIRE, 1979, p. 28). As crianças Sem Terrinha desde cedo se conscientizam para denunciar as estruturas que desumanizam o povo – o seu povo, inclusive. Aprendem na educação cotidiana, nos seus espaços educativos e na Ciranda a se comprometerem a transformar a sociedade. Os documentos próprios do MST trazem inclusive, que além de ser criança, é criança assentada ou acampada, que por meio da interação com os adultos, precisa saber que estruturas fizeram com que ela, a sua e as demais famílias estivessem em tal situação (MST, 2004, p. 43).

Freire destaca que a humanização do ser está diretamente ligada à vocação de Ser Mais. Em *Pedagogia da Indignação* Freire (2000) traz sua revolta: “A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de ‘ser mais’ inscrito na natureza do ser humano” (FREIRE, 2000. p. 78). Este direito é roubado quando acontece injustiça, exploração, opressão, porém afirmado na própria negação. Afirmado também no “anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos pela recuperação de sua humanidade roubada” (FREIRE, 2015, p. 40). Nesse sentido, as crianças do MST, conscientes de sua condição desumanizante – condição esta que não é, está sendo no momento – se fortalecem na busca pela humanização, pois sabem que são seres inconclusos, portanto, em permanente transformação. Seres que estão na roda e não estão sozinhos. De mãos dadas estão girando, cantando, transformando o mundo e a si mesmos.

As crianças sabem que girar essa Ciranda é desafiador, os educadores e educadoras também sabem. Mas elas e eles têm ciência de que apesar de difícil, é possível. Como uma ciranda de roda, gira às vezes para um lado, conquistando, crescendo, transformando e às vezes para o outro, desconstruindo, trocando os passos, dificultando o ritmo. Mesmo assim,

não cessam a dança dessa Ciranda, insistem e resistem às adversidades, persistindo na luta pela transformação do mundo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA RODA CIRANDA SEM FIM

Conscientes de que o mundo “não é, mas está sendo” e que, portanto, somos sujeitos históricos, não meramente espectadores que apenas se adaptam ao meio, o MST e suas crianças, por meio do modo e vida e da Educação que constroem a cada dia, percebem que estão no mundo para retificá-lo, transformando-se ao transformá-lo. Freire (2005) afirma que “[...] se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de desespero” (FREIRE, 2015, p. 40).

Diferentemente, o MST toma posicionamento, possui teimosia em resistir, em buscar a humanização dos seres, por vezes tão fragilizados, desumanizados pelas estruturas pesadas que os esmagaram. Permanecem na luta, pois reconhecem os progressos que tiveram, desde os quilombos, os conflitos de luta pela terra que aconteceram de norte a sul deste país (Guerra do Contestado, Canudos, Cangaço) e mais tarde, a organização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que conquistaram espaços para plantar e colher, viver, ensinar e aprender.

Perceberam que interferir no mundo é possível, quando conquistaram o direito à Educação e viram a possibilidade de transformá-la para transformar-se. Quando reconhecem suas fragilidades e buscam alternativas para superar o que as gerou. Percebem que retificar o mundo é possível quando veem suas Crianças lutando como os pais, numa atitude não reprodutora, mas protagonista de sua história, o que tem fortes características freireanas. Na luta, assumiram que para que um movimento perdure e tenha coerência com a luta do povo, é necessário ter radicalidade, união, comprometimento e coragem, não se pode temer, nem se sentir dono dos demais ou seu libertador, mas se comprometer com eles para com eles lutar (FREIRE. 2015, p. 37).

Essa Ciranda, que já rodou bastante e ensinou aos adultos que criança sabe lutar, que todos podem participar, e que todo lugar é lugar de aprender e ensinar. Essa Ciranda ainda tem muito a rodar, muito a ensinar com suas mãos dadas, sua canção forte, seus passos sincronizados. Nessa Ciranda da vida há espaço para mais gente que queira dançar junto, que queira aprender com a criança Sem Terrinha que é preciso plantar e cuidar da planta para

colher. As crianças nessa Ciranda dizem com Paulo Freire “[...] à eles e elas sem-terra, a seu inconformismo, à sua determinação de ajudar a democratização deste país, devemos mais do que às vezes podemos pensar” (FREIRE, 2000, p.29).

REFERÊNCIAS

BARROS, Monyse Ravenna de Sousa. **Os sem terrinha:** Uma história da luta social no Brasil (1981-2012). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - CE. 2013.

BENJAMIN, César; CALDART, Roseli Salette. **Projeto popular e escolas do campo** – Por uma educação básica no campo. Brasília, DF. 2000.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federal do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 15 de outubro de 2019.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 15 de outubro de 2019.

DE ANGELO, A. **Os meninos e as meninas fizeram um belo balão:** contribuições do pensamento de Paulo Freire para uma leitura do mundo da educação da infância. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal, 2007.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo:** relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Conscientização** – teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5. ed. São Paulo. Cortez, 2001.

FREITAS, Fábio Accardo de. **Educação infantil popular:** possibilidades a partir da Ciranda Infantil do MST. Campinas. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

MOVIMENTO SEM TERRA. MST. **Pedagogia do Movimento Sem Terra:** Acompanhamento às Escolas. Boletim da Educação n. 8. São Paulo, 2001.

MOVIMENTO SEM TERRA. MST. **Caderno da Educação Nº 12.** Educação infantil - Movimento da vida, dança do aprender. 2004.

STÉDILE, João Pedro. **Os grandes desafios do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.** Teoria e Debate. Edição 24. 01 de Março de 1994. Disponível em: <<https://teoriaedebate.org.br/1994/03/01/o-mst-e-a-luta-pela-terra/>>. Acesso em: 08 de Novembro de 2019.